

Bruno Rossato

Samuel Lima

*"Por causa dessas brincadeiras,
resolvi levar o Dudu ao médico,
Pra ver se ele tinha algum problema.*

Trecho do livro "O menino que brincava de ser".

Georgina Martins

Corpo, arte e infância: o brincar de ser no funk

Recorrendo à ajuda da literatura, iniciamos esse texto com o que desnuda um jogo de brincadeira para trazer à tona questões cotidianas, que passam do autoritarismo à reação dos adultos em lidar com essas questões quando abordadas pelas crianças.

O que podemos aprender com as operações praticadas com as crianças no âmbito das expectativas que lhe são postas? Wulf (2013 *apud* Rossato, 2017) apoia-se em Benjamin para mostrar como as crianças incorporam seus ambientes culturais em meio a processos de repetição. No decorrer desses processos, as crianças assimilam diversos artefatos que são incorporados como "impressões" das imagens e inscritas no imaginário da criança, sendo transformados em novas imagens do pensamento, transformados em memórias que auxiliam as crianças a ter acesso ao mundo da cultura.

Nessa perspectiva, problematizamos – a partir da experiência infantil – como algumas crianças brincam de ser funkeiros em sua relação com o mundo. De que maneira esses corpos brincam e inventam rupturas ao que é instituído no imaginário social das

expectativas de uma concepção de criança idealizada no bojo das concepções burguesas.



Brincar de ser o que desejamos, contudo, quando não desejamos? Brincar, ser, gostar, desejar. E, de fato, como lidamos com a imaginação? O que a infância nos provoca? A contemporaneidade cria a cultura e a sua proibição, uma ação que movimenta as características artísticas, as interpretações mundanas, o fluxo da redefinição cotidiana. Arte, o funk do Brasil, como qualquer outra música do mundo é envolvida em processos transnacionais: o que fica mais visto quando ouvido, ou então, mais ouvido quando visto, por exemplo, quando sexualizam as forças vitais dos quadris soltos de alguém que é artista e faz funk, ou de alguém que apenas dança, se relaciona, se interessa pelo mesmo som do funk.

Corpos constantemente lançados no inverossímil, quando o sim vira não e vice-versa, o som do funk acontece e junto surgem sentimentos. Paixão. Medo. Ódio. Saudade. Amor. E cada um, em cada lugar, faz o funk de seu jeito, o que extrapola qualquer classificação. No Brasil, quando alguém diz “eu era da vida...”, seja ela macumbeira, sambista, funkeira, expõe o silêncio cultural do país que nega, por medo, a situação de seu particular genocídio a partir da própria cor (negra). Isso nos remete algo sobre a cruzada funkeira: chão-chão, proibidão, e, quem diria, existe até Funk Gospel. “Pra que você me

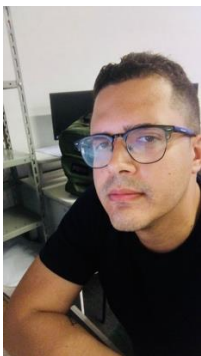
encha com apenas o que é ser/Nada que vem de mim quero manter”, são versos da funkeira e cristã Priscilla Alcantara.

Sempre na conexão com o silêncio, incorporações funkeiras acontecem no permissível, a partir do ruído, sonoridades evidenciadas como música, mesmo que esta, ordinariamente, não seja considerada como música. Toda conexão com o ruído se faz na desordem, a complexa interferência da virtude criativa por romper cristalizações e estimular novas linguagens.

Referências:

ROSSATO, Bruno. *Aprendizagens de gênero-sexualidade na/com a Educação Infantil: apontamentos para pensar os currículos*. 2017. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

Sobre os autores:



Bruno Rossato: Doutorando e Mestre em Educação pelo ProPEd/UERJ. Licenciado em Pedagogia (UGF) e professor de Educação Infantil. Estuda sobre: infância; cotidianos e currículos; docência; narrativas audiovisuais.



Samuel Lima: Doutorando em Educação (UERJ/ ProPEd). Mestre em Educação, Cultura e Comunicação (UERJ/ PPGEC - FEBF). Assistente Social. Fundador da Fortaleceu Produções. Produtor Executivo da Lotação Records. Produtor dos artistas MC Beiblade, MC Robin Rude e Antiéticos. Realiza debates e práticas com educação, cultura e relações étnico-raciais.